



# O sol de Galileu e a lua de Méliès

Por Gabriela Maria

*“Tia, por que as pessoas tão cinza?”*

*“Não sei, por que será?”*

*“Jogaram tinta nelas.”*

Diz com tanta naturalidade que só eu rio, as outras crianças acham a resposta bem plausível e concordam acenando com a cabeça. Não lembro bem por que escolhi mostrar “Viagem à Lua” (George Méliès, 1902) pra turma de 4 e 5 anos, mas acredito que a lógica tenha sido escolher um filme curto e diferente do que elas costumam ver. A teoria dos pequenos nem é de todo absurda. Aliás, se torna bem real quando me lembro da forma de coloração do filme em questão. Rio e logo paro com um sorriso amarelo pensando que elas podem compreender a lógica de Méliès mais que eu.

O filme começa a lhes propor uma relação bem diferente daquela que eles têm com audiovisuais em geral, que costumam deixá-los meramente na situação de receptores com olhos e bocas abertos tentando assimilar a quantia de informação e rindo de qualquer imagem mais inesperada que surge. Existe aqui a necessidade de se colocarem ativamente no ato de assistir. A ausência de diálogos permite que eles sejam narradores enquanto os quadros abertos fazem os pequenos olhos percorrerem a tela tubo de 29 polegadas e sempre que um percebe um detalhe que os outros desconhecem ouve-se um grito e um dedinho indicador apontando pra algum canto da tela. Essa relação me lembra daquela dos primeiros espectadores do cinema, porém não na mesma situação na qual descobriam uma nova linguagem, pois todas as crianças em questão assistem cinema e audiovisual desde bebês, mas sim na situação de ter contato com uma (ao menos pra eles) forma diferente de realização dessa arte.

Depois vemos a versão colorida e os olhos se arregalam mais ainda. A paleta de cores é a mesma que eles têm nos estojos. A história pra eles não é nem ficção e muito menos científica: é claro que após uma viagem cansativa até a lua eu vou tirar um cochilo e durante a noite aparecerá outra lua no céu e os sapos verdes que moram na lua vão aparecer pela manhã. A estreia de *Viagem à lua* foi há 114 anos, mas as crianças, 110 anos mais jovens que o filme, recebem aquilo com tanta naturalidade como se fosse o enredo de uma brincadeira deles. E apesar de ser (talvez)

a primeira ficção científica no cinema, o filme se mostra seguindo a lógica de se utilizar do gênero como suporte pra falar de outras coisas. Não é “ficção”, é bem real e possível, eles estão vendo na tela. E à ciência ou verossimilhança nem eles nem Méliès parecem nem um pouco preocupados em prestar contas, pelo contrário, os viajantes que deveriam ser especialistas na missão que estão realizando são na verdade patéticos em tudo que fazem. Quase como colonizadores.

O cinema que engatinhava, se apoiava em outras artes pra construir seus primeiros passos: atores do teatro, cenários da pintura, enredos de romance e truques de mágica. Objetos inanimados como a lua e estrelas também são interpretados quase como um teatro infantil no qual somos a flor ou o vento ou no teatro medieval em que sentimentos são personificados e a resolução é praticamente um Deus ex Machina grego. Isso sem contar toda a técnica e estética das artes visuais... Umas histórias de mais de dois mil anos de diferentes linguagens doulando o parto de uma nova forma de arte que meus alunos, que aprenderam a escrever o próprio nome há poucos meses, agora presenciam. Eles não têm ideia de que estão vendo tudo isso. Nem eu até agora.



A ciência que permite que filmemos pessoas e as projetemos em uma superfície plana torna uma ida à lua tão possível quanto o cinema. E na viagem a importância está na imagem, no vislumbre do espectador em contemplar os astros celestes tão belos quanto os humanos. Afinal, para que iríamos à lua? Senão para olhar a terra, o universo de outro ângulo? Ou por que faríamos cinema? Senão pra ver a vida de outra forma, pra sentir coisas que talvez nos tornem melhores ou para aliviar o cansaço da vida? Galileu, quando divaga na conversa com seu aluno Andrea (*A Vida de Galileu*, Bertolt Brecht, 1938) resume bem o sentido da ciência:

Vocês trabalham para quê? Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a cansaça da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber,

por amor ao saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais. Com o tempo, é possível que vocês descubram tudo o que haja por descobrir, e ainda assim o seu avanço há de ser apenas um avanço para longe da humanidade. O precipício entre vocês e a humanidade pode crescer tanto, que ao grito alegre de vocês, grito de quem descobriu alguma coisa nova, responda um grito universal de horror.

De que outra forma em nossa breve existência teríamos a possibilidade de contemplar os olhos de Seth Brundle-mosca-Telepod em *A Mosca* (David Cronenberg, 1986), ou de ver no amor de Sam por Jill a única fuga possível da cruel realidade de *Brazil* (Terry Gillian, 1985)? De que outra forma sentiríamos tudo isso e depois dormiríamos tranquilos? Sentimos coisas que não nos pertencem mas acabam sendo nossas de alguma forma, contribuindo pra formação de humanos mais plenos, com mais vivências e experiências, seja uma bela viagem à lua ou uma péssima viagem no tempo.

O sol de Galileu e a lua de Méliès, tudo para aliviar nosso cansaço. Aliviar a tristeza da vida e tentar dar sentido para ela. Nossa vida é um segundo durante a história da humanidade: nunca veremos tudo, nunca sentiremos tudo e o que pudermos fazer para viver mais e melhor, será feito.

Por Gabriele Maria